

# Teses

defendidas no Programa  
de Pós-graduação em  
Geografia/UFMG no  
segundo semestre de 2008

Orientadora:  
Cristina Helena Ribeiro  
Rocha Augustin

O presente trabalho se ocupou da caracterização morfológica e dos aspectos pedológicos e evolutivos das veredas dos planaltos de Buritizeiro (MG). A intensificação dos impactos antrópicos nas últimas décadas suscitou o presente estudo. A metodologia utilizada baseou-se em uma abordagem geossistêmica com apoio básico de trabalho de campo: levantamento topográfico, levantamento florístico e descrições de perfis pedológicos com coletas de amostras para diversas análises laboratoriais. Constatou-se a ausência de um interfluxo lateral na zona dos eucaliptais do entorno, em direção às veredas, bem como uma ausência de águas de drenagem natural em áreas originalmente úmidas, ou mesmo encharcadas, que sustentavam os buritis e os campos higrófilos. Nas zonas da borda, do meio e do fundo, em geral, apenas solos hidromórficos enterrados evidenciam as antigas condições. Os impactos sob silvicultura (eucaliptos) são mais destrutivos do que nos pastos nativos circundantes; em determinadas situações, tanto fatores antrópicos como naturais contribuíram para a atenuação dos impactos e mesmo a regeneração (situação isolada) no ambiente das veredas, o que demonstra a possibilidade de ações positivas voltadas à sua preservação. Contudo, em outras, chega-se à condição de erosão por voçorocas, abandono de eucaliptais e incipiente regeneração do cerrado. O aspecto mais marcante da degradação é a transformação dos antigos vales encharcados, nos segmentos dos primeiros buritis, em vales assoreados e secos com buritis em estados variados de aspecto vegetativo. A esses aspectos associa-se o rebaixamento do nível heático, colúvios arenosos de recobrimento e a desperenização das veredas. Concluiu-se que fatores naturais e antrópicos intrageossistemas explicam as variações encontradas nos estágios evolutivos das veredas. Considera-se urgente a implementação de uma legislação rigorosa voltada à preservação dessa singular paisagem do Cerrado, com multiaspectos envolvidos: práticas de proteção em áreas adjacentes; adequado traçado de estradas secundárias, envolvendo drenagem das águas superficiais; recuo dos eucaliptais; revegetação das bordas e envoltórios das veredas; interligação com as matas ciliares; formas de proteger a fauna remanescente e ampliá-la, além de outras a serem apontadas pelos especialistas ambientais.

Erejakasó piáng? As culturas sambaqueira, aratu, tupiguarani e portuguesa e a produção do espaço do extremo sul da Bahia, Brasil

Este estudo consiste em uma contribuição ao conhecimento sobre a produção de um espaço que figura no imaginário nacional com a primeira porção do continente americano visitada por uma armada lusitana e como lugar do idílico porto seguro onde portugueses e americanos experimentaram o seu encontro primordial: a região Extremo Sul da Bahia. Entretanto, contrariamos aqui a quase totalidade da literatura sobre a produção desse espaço e evidenciamos não apenas o papel desempenhado pela cultura européia nesse processo, mas também o de três culturas indígenas denominadas sambaqueira, Aratu e Tupiguarani. E mais, buscamos demonstrar que elas tanto determinaram, direta ou indiretamente, os rumos e os legados da presença portuguesa no Extremo Sul da Bahia quanto mais das feições que a região apresenta hoje. Para tanto, foram identificadas, analisadas, cotejadas, interpretadas e, não raro, re-interpretadas diversas fontes que oferecem subsídios arqueológicos, históricos, etnológicos, lingüísticos, arquitetônicos, urbanísticos, geomorfológicos, ecológicos, cartográficos e iconográficos sobre, primeiro, as dimensões culturais e naturais do espaço do Extremo Sul da Bahia; e, segundo, os conflitos e associações entre diferentes grupos sociais causados pela questão do acesso aos recursos naturais e/ou pelas maneiras como cada um lidava com as suas relações o Outro. Esse esforço foi motivado pela necessidade de enfrentamento de uma série de problemas éticos e científicos decorrentes de juízos acerca da alteridade indígena que datam dos primórdios da presença européia no Brasil. Ou, mais especificamente, de entendimentos que lhes creditaram uma condição ora edênica, ora bestial – e que constituíram a matriz da persistente noção de que os indígenas são seres destituídos de razão, cultura, história e desejo. Portanto, este estudo consiste também em um convite para que reflitamos sobre a sintomática condição periférica à que temos relegado nossos ancestrais indígenas na memória, história e patrimônio cultural nacional. Assim, esperamos contribuir para que se faça jus a todas as culturas e grupos sociais que participaram na formação do Brasil e, particularmente, do Extremo Sul da Bahia.

A modernidade ocidental somada a outras formas de dominação (colonialismo, capitalismo, projeto hegemônico de desenvolvimento, neoliberalismo, globalização hegemônica) altera profundamente a relação da humanidade com o ambiente e transforma a natureza em fonte inesgotável de matéria-prima. A obsessão pelo controle da natureza e pelo acúmulo de riquezas tem destruído, ao longo da história, fontes de subsistência e sistemas culturais de diversas populações locais em países do Sul. Ao mesmo tempo, criam-se novas formas de dominação e reelaboram-se as já existentes. Criam-se modelos de desenvolvimento e de “subdesenvolvimento”. Estabelecem-se padrões “ideais” de produção e consumo. A relação de dominação Norte x Sul se reproduz dentro do Sul e do Norte, ou seja, criam-se muitos Nortes dentro do Sul e Suis dentro do Norte. A crise ambiental surge como uma denúncia do esgotamento dos “recursos naturais” do planeta, porém novas estratégias tecnológicas e político-institucionais são encontradas pelo capital para ampliar a capacidade de exploração dos “recursos naturais”. Com o discurso de combate à pobreza, populações do Sul são conectadas ao projeto de desenvolvimento. A partir de então, vivenciam rupturas jamais imaginadas. No Espírito Santo, a conexão das populações indígenas ao chamado projeto de desenvolvimento pela industrialização é devastadora, porque leva essas populações a perderem os seus territórios feitos de biodiversidade e cultura. A chegada da Aracruz Celulose S. A. ao território indígena dá início ao quarto ciclo de perdas territoriais Tupiniquim; o processo de desterritorialização e reterritorialização erode o modo de vida desses indígenas. As mulheres, portadoras de saberes imprescindíveis à vida do seu povo, vêm-se expropriadas das fontes materiais e simbólicas que permitiam a construção e a reprodução dos seus saberes: agricultoras, coletoras e artesãs são transformadas em subempregadas ou desempregadas. A nova conformação territorial fragiliza o papel e o poder da mulher na sociedade Tupiniquim. Diante de uma realidade tão complexa, essa população reafirma a importância do lugar como foco de resistência ao projeto hegemônico global e trava, há quarenta e um anos, uma luta incansável pela recuperação territorial. Muitas batalhas e alianças são feitas. Nesse sentido, a Rede Alerta Contra o Deserto Verde é uma importante aliada da luta indígena no Espírito Santo, porque ajuda a consolidar uma gama de apoio local, nacional e internacional. A luta indígena assume uma dimensão cosmopolita. Nesse contexto, as mulheres forjam diversas formas de organização. Dessa forma, os Tupiniquim vão construindo a sua história de *r-existência*, dando uma importante contribuição à luta contra a globalização hegemônica.

## Parâmetros morfométricos para o mapeamento da rede de rios - uma proposta baseada na análise da Bacia Hidrográfica do Rio Benevente

Apesar do grande número de trabalhos e pesquisas direcionadas à caracterização e a morfometria de bacias hidrográficas, pouco se conhece acerca da influência da morfologia na localização e nos padrões de distribuição espacial das nascentes. A análise dos fenômenos que atuam na localização e distribuição espacial da hidrografia demanda bases cartográficas confiáveis, sendo estas, uma das fontes básicas para estudos geomorfológicos. Diferentes autores advertem que estes estudos dependem da qualidade das bases cartográficas e da precisão utilizada na construção das mesmas. Dos problemas inerentes ao processo de mapeamento, a representação das nascentes (rios de primeira ordem) é um dos procedimentos mais complexos e, que apresenta, ainda hoje, grande dificuldade de obtenção e representação. Neste sentido, objetivou-se avaliar se a forma dos canais apresenta correlação com os processos que atuam sobre o mesmo, em especial, se a partir da análise da forma é possível identificar a tipologia dos canais no que se refere a presença ou ausência de nascentes. A partir da análise de diferentes variáveis, observou-se que para a área de estudo – Bacia Hidrográfica do Rio Benevente - ES, a área, a abertura máxima do canal e o recuo máximo do canal, foram às que apresentam padrões de alteração mais sensíveis a presença da nascente no interior do canal, na escala de estudo, possibilitando, inferir com relativa certeza sobre a ocorrência ou não dos cursos de água no interior dos canais. Ainda, foi possível observar que, somente a partir da análise combinada (sistêmica) das variáveis, é que tornou-se possível inferir os processos internos ao canal, especificamente, sobre a presença ou ausência de nascentes. Finalmente, pôde-se concluir que a metodologia utilizada possibilitou a obtenção de resultados satisfatórios no que se refere à verificação da hipótese levantada, tendo apresentado, ainda, grande potencial de uso no incremento da acurácia dos mapeamentos dos rios em canais de primeira ordem.

A influência das diretrizes curriculares nacionais do Ministério da  
Educação e Cultura para a formação de professores de geografia da  
educação básica em nível superior

Vicente de Paula Leão

Orientador:  
Roberto Célio Valadão

A criação das Diretrizes Curriculares Nacionais do Ministério da Educação e Cultura para os cursos de licenciatura (Resolução CNE/CP 2, de 19/02/2002) instituiu nova carga horária para os cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. Essas diretrizes são fundamentadas pelo Parecer CNE/CP 9/2001, segundo o qual as licenciaturas deveriam ganhar terminalidade e integralidade própria em relação ao Bacharelado. Com base na elaboração da hipótese teórica de que as DCNs do MEC para os cursos de licenciatura em Geografia não foram capazes de, na prática, promover as alterações curriculares e procedimentais que possibilitassem a esses cursos constituírem integralidade e terminalidade própria - a formação do professor de Geografia continua submetida à lógica do bacharelado - definiu-se como objetivo geral entender a influência dessas diretrizes na formação dos professores e no ensino da Geografia. Foram definidos como objetivos específicos: (i) estudar a implantação e os efeitos das DCNs do MEC para os cursos de licenciatura em Geografia; (ii) conhecer o projeto pedagógico e a estrutura curricular e como eles influenciam na formação dos professores de Geografia; (iii) entender a relação entre Geografia Acadêmica e Geografia Escolar e sua importância na formação do professor; (iv) entender a importância da prática na construção dos conceitos que servem de referência para a formação do professor e o ensino da Geografia. Os procedimentos metodológicos adotados consistiram na coleta e organização dos dados. Foram identificados todos os cursos de Geografia do Estado de Minas Gerais e reunidos seus projetos pedagógicos, matrizes curriculares, ementas de disciplinas e formação curricular dos professores. Como esses dados revelaram-se insuficientes, foi realizada uma abordagem qualitativa em instituições de ensino superior selecionadas com a aplicação de questionários e realização de grupos focais com os sujeitos envolvidos no processo de formação dos professores de Geografia. Entre os diversos fatores que impedem que os cursos de licenciatura vivenciem na prática as propostas do Parecer CNE/CP 9/2001 e a implantação das DCNs do MEC, ressalta-se o predomínio da lógica de mercado e do bacharelado na organização dos cursos de graduação e pós-graduação e na definição da estrutura curricular e perfil do egresso dos cursos de licenciatura. A análise da influência do mercado na formação dos professores de Geografia revelou que as instituições de ensino superior e os graduandos orientam-se segundo os critérios estabelecidos por interesses econômicos que competem com os interesses pedagógicos e a qualidade do ensino no interior dos cursos de Geografia. O predomínio da lógica do bacharelado dificulta a mediação pedagógica e a formação de conceitos que devem orientar o trabalho do professor e o ensino da Geografia.

## ERRATA

- No artigo *Delimitação de Áreas de Preservação Permanente determinadas pelo relevo: aplicação da Legislação Ambiental em duas microbacias hidrográficas no estado de Goiás*, de autoria de Raphael de Oliveira Borges, Cleuler Barbosa das Neves, Selma Simões de Castro, publicado na revista Geografias, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte 04(1) 7-14 julho-dezembro de 2008”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008”

- No artigo *Caracterização ecogeomorfológica das áreas de desova de quelônios de água doce (gênero podocnemis) no entorno da Ilha do Bananal, Rio Araguaia*, de autoria de Paulo de Tarso Amorim Castro, Paulo Dias Ferreira Júnior, publicado na revista Geografias, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte 04(1) 15-22 julho-dezembro de 2008”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008”

- No artigo *Níveis e seqüências deposicionais fluviais no Vale do Alto Rio das Velhas – Quadrilátero Ferrífero/MG*, de autoria de Gisele Barbosa dos Santos, Antônio Pereira Magalhães Júnior, Luis Felipe Soares Cherem, publicado na revista Geografias, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte 04(1) 23-36 julho-dezembro de 2008”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008”

- No artigo *Aspectos geoquímicos que controlam a formação de Leques Arenosos na Bacia do Rio do Formoso-MG/Brasil*, de autoria de Wallace Magalhães Trindade, Elizêne Veloso Ribeiro, Hernando Baggio, Adolf Heinrich Horn, publicado na revista Geografias, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte 04(1) 37-44 julho-dezembro de 2008”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008”

- No artigo *Climatologia da Bacia do Rio Doce e sua relação com a topografia local*, de autoria de Fulvio Cupolillo, Magda Luzimar de Abreu, Rubens Leite Vianello, publicado na revista Geografias, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte 04(1) 45-60 julho-dezembro de 2008”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008”

- No artigo *Ocorrência de depressões fechadas em divisores de drenagem no Médio Vale do Rio Paraíba do Sul*, de autoria de Rafael Albuquerque Xavier, Ana Luiza Coelho Netto, publicado na revista Geografias, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte 04(1) 61-68 julho-dezembro de 2008”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008”

- No artigo *Trajelórias do Rio Capivari: implicações de um impacto meteorítico na drenagem no reverso da Serra do Mar, São Paulo, Brasil*, de autoria de André Henrique Bezerra dos Santos, Déborah de Oliveira, publicado na revista *Geografias*, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte 04(1) 69-76 julho-dezembro de 2008”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008”

- No artigo *Mineralogia da fração areia aplicada à identificação de descontinuidades estratigráficas em perfis pedológicos. Bacia do Córrego do Quebra, Gouveia/MG*, de autoria de Simone Garabini Lages, Cristiane Valéria de Oliveira, Walter de Brito, publicado na revista *Geografias*, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte 04(1) 77-86 julho-dezembro de 2008”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008”

- No artigo *Evolução do relevo da região do planalto de Poços de Caldas: Correlações entre níveis planálticos e termocronologia por Traços de Fissão em Apatitas*, de autoria de Carolina Doranti, Peter Christian Hackspacher, Julio César Hadler Neto, Marli Carina Siqueira Ribeiro, Henrique Corrêa Lima, publicado na revista *Geografias*, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte 04(1) 87-92 julho-dezembro de 2008”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008”

- No artigo *Compartimentação regional do relevo e cobertura pedológica do centro-norte de Minas Gerais*, de autoria de Roberto Célio Valadão, Cristiane Valéria de Oliveira, João Carlos Ker, publicado na revista *Geografias*, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte 04(1) 93-100 julho-dezembro de 2008”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008”

- No artigo *Geomorfologia latino-americana: panorama geral da produção da América Latina no início do século XXI (2001-2005)*, de autoria de Joseane Biazini Mendes, André Augusto Rodrigues Salgado, publicado na revista *Geografias*, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte 04(1) 101-108 julho-dezembro de 2008”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008”

- No documento *Dissertações defendidas no Programa de Pós-graduação em Geografia/UFMG*



*no segundo semestre de 2008*, publicado na revista Geografias, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte 04(2) 110-115 julho-dezembro de 2008”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008”

- No documento *Teses defendidas no Programa de Pós-graduação em Geografia/UFMG no segundo semestre de 2008*, publicado na revista Geografias, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte 04(1) 116-121 julho-dezembro de 2008”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008”